

GEOGRAFIA E MÚSICA: DIÁLOGOS

Maria Geralda de Almeida¹

DOZENA, Alessandro. **Geografia e Música: diálogos**. Natal: EdUFRN, 2016, 399p.
ISBN 978-85-425-0616-7.

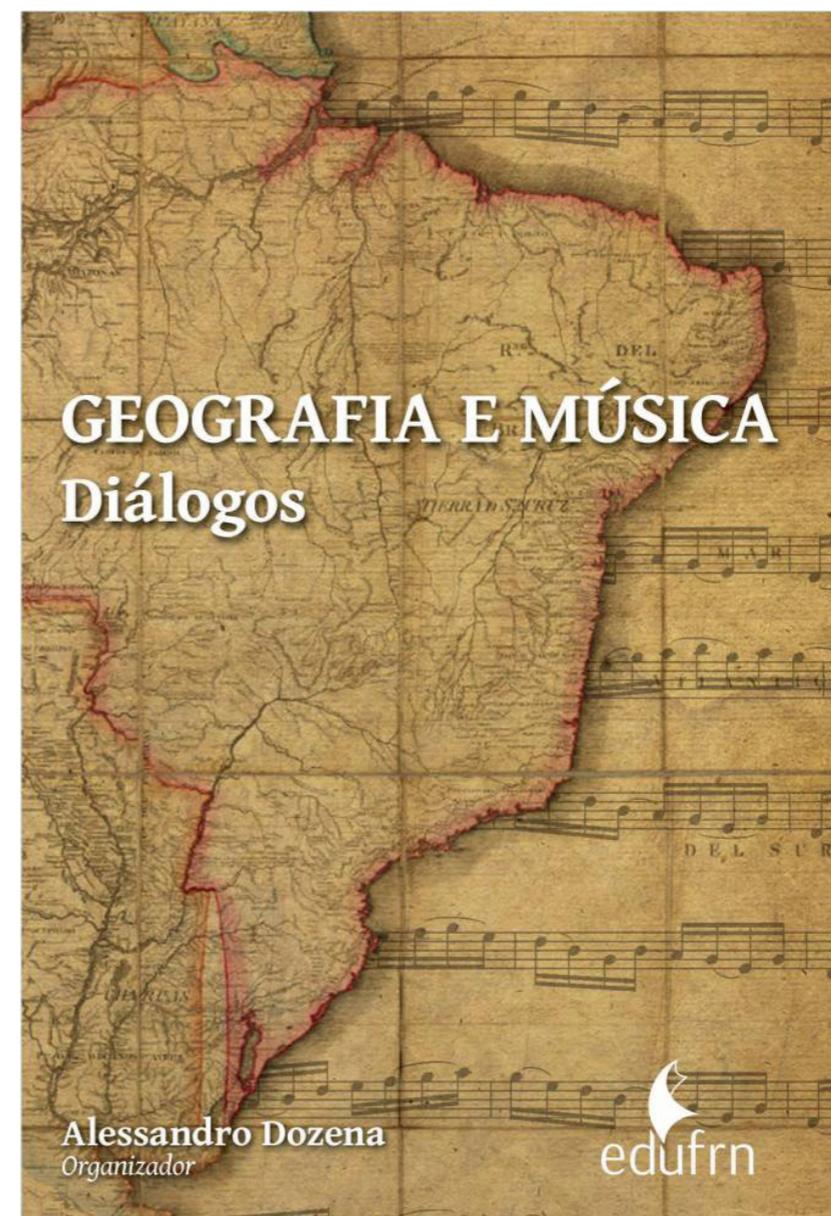
A música, considerada como uma das artes mais sublimes, é também um objeto cultural que atraiu o interesse daqueles que pesquisam o espaço. A música revela sentimentos, e, ainda, sua prática inquieta os geógrafos que nela investigam vários aspectos. O conjunto das ciências humanas se interessa pelo espaço sonoro e por laços entre identidades, territórios e músicas. E a Geografia, representada pelo geógrafo Alessandro Dozena, já nos presenteia com uma coletânea sólida, rica e instigante, inspiradora de reflexões fecundas ao publicar “Geografia e Música: Diálogos”. Este livro, com este tema, está no coração da geografia humanista cultural.

Neste sentido, é legítimo se interrogar sobre abordagens da música pela Geografia, “ouvir” seus múltiplos sons, dedilhar as cordas oferecidas pelas reflexões sensíveis dos vários autores, escutar a sonoridade dos tambores, dos violinos e trompetes revelados nos diversos estilos de abordagens e temas neste livro. Ao penetrar no universo geográfico musical, presente em “Geografia e Música: Diálogos”, algumas indagações surgem: Teria a música alguma contribuição na criação, singularização e promoção de territórios? Pode-se cogitar que a música se torne instrumento de legitimação, de afirmação ou de contestação de territórios políticos?

Os diversos artigos desse livro oferecem pistas para se ter estas respostas e fazer aflorar outras inquietações, enriquecendo o tema na continuação da relação música e território. Ao lê-los, instiga-nos a continuar com mais estudos sobre a música e

¹ Professora colaboradora da Universidade Federal de Goiás onde é pesquisadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais-LABOTER, e no CNPq, do Grupo de Pesquisa Geografia Cultural: territórios e identidade. gmdealmeida10@gmail.com.

✉ Rua Rui Brasil Cavalcante, 189, Setor Oeste, Goiânia, GO. 74140-140.



territorialização, e, ainda, apreciar a questão da relação música-lugar. Pensar o lugar como a legitimação das identidades regionais é equivalente a ressaltar como a fronteira constituiria outra entrada possível para o espaço sonoro e o seu entrelaçamento com territórios e identidades.

Mas, o que esse livro pode ainda nos aportar? Para ter esta resposta, mergulhamos na leitura dos artigos para, nas entrelinhas, e seguindo os pensamentos dos autores, compreender o encontro entre espaço, territórios e músicas. A música é, assim, considerada como criadora de seus espaços, produtora de modos de produção, de práticas e imaginários em enfoques singulares de cada autor, conforme veremos.

“Jogos e ambiguidades da construção musical das identidades espaciais”, artigo de Dominique Crozat, tem uma reflexão interessante sobre inscrição espacial dos usos da música e se questiona sobre a utilidade dessa, que é onipresente e, aparentemente, indispensável. Crozat afirma que a identidade é suscetível a todo tipo de manipulação. Outro assunto abordado refere-se ao problema e à dificuldade de se definir uma identidade musical. Além disso, ela afirma que, em qualquer outra abordagem de uma música específica, o visual deve ser levado em conta com a música, correndo o risco de tratá-la sem o contexto que lhe dá sentido. A autora cita vários exemplos, porém, enfatiza aqueles na França, e seu texto é rico ao evidenciar a relação de filmes e suas respectivas músicas no cenário norte-americano e europeu. Por meio desses exemplos, constroem-se identidades espaciais através de músicas que colaboram para introduzir ou enfatizar a confusão entre as identidades. Ao discutir sobre o uso da música para negociar uma identidade, ela esclarece seu papel de oferecer ao homem a capacidade de construir a materialidade do mundo em seu entorno com ideias e, dessa forma, por extensão, posiciona a música como linguagem. Também, como ideal, esta música sustenta tanto a construção do real, às vezes materializado, quanto todas as dimensões oníricas, simbólicas ou ideológicas que atravessam a cultura.

Victor Hugo Nedel Oliveira e Flávio Lopes Holgado são os autores de “Conhecendo novos sons, novos espaços: a música como elemento didático para as aulas de geografia”. Eles propõem refletir sobre a

utilização da música como um elemento didático para as aulas de Geografia e, para isso, buscam por meio de referenciais teóricos propor práticas pedagógicas para serem aplicadas em sala de aula. Duas propostas de atividades são incluídas no final. Pensar os lugares, os seus significados, torna-se um exercício interessante para entender os processos que neles se desenvolvem, e os autores sugerem discutir significados presentes na letra que faz parte da música. Ou seja, que o professor apresente a música como um meio de se estudar Geografia, que seja entendida como um texto e seja lida por eles a partir das questões espaciais, sendo, assim, uma possibilidade de levar para a sala de aula assuntos que tratam do cotidiano dos alunos. Estes devem surgir como algo novo, devido à abordagem diferenciada que é feita. Os professores almejam com a música, como um recurso didático e a possibilidade de desestabilizar o tradicionalismo, quebrar barreiras e renovar a visão demasiada negativa das aulas de Geografia.

Alexandre Moura Pizoti nos traz “Aproximações e possibilidades de diálogos entre a Geografia e a Música”, onde ele inicia tratando da Geografia “Humanística” (sic) e sua crítica as geografias de cunho lógico-positivista, apresentando a “Humanística” como a geografia que liberta e empossa o homem. Pizoti faz uma introdução das filosofias em dois geógrafos – Gomes e Mello –, ressaltando a fenomenologia e a hermenêutica como filosofia e como métodos correntes da geografia humanista. Embora muito interessante, está descolada da discussão empírica. A partir de exemplos, com algumas canções compostas em diferentes períodos, ele mostra as possibilidades dessa expressão artística no entendimento e interpretação de outras dimensões do mundo vivido na favela da Mangueira. Faz um aprofundado discurso sobre a Mangueira, a evolução da favela nas músicas cariocas e seus sambistas de destaque. Ele conclui sobre a importância do samba, que deu voz e visibilidade social ao morro da Mangueira, transformando-o

em lugar mítico e “elitista”, tornando-o um símbolo carioca e de brasilidade.

“As transformações dos espaços de apreciação e de produção da música entre os séculos XIX e XXI: uma análise interdisciplinar” de Carolina Deconto Vieira e Lucas Françolin da Paixão, busca compreender estas relações entre técnicas de reprodução e gravação sonora e as espacialidades e sociabilidades da apreciação musical. Para isso, os autores buscam responder a seguinte pergunta: como ocorreu a troca dos teatros e casas de ópera pelo *mp3* nos fones de ouvido? Eles analisam três momentos: primeiro, o romantismo e casas de concertos; segundo, o surgimento da indústria cultural e as consequências da modernidade e, o terceiro, a individualização e a pluralização da experiência musical. E concluem com um paralelo entre as transformações ocorridas nas espacialidades musicais e nos conceitos de espaço que ocorreram ao longo da história da epistemologia da geografia. A análise é rica, assim como as conclusões que trazem riqueza de olhares multidisciplinares sobre a música. Revela, também, particularidades e trajetórias da ciência geográfica, o que nos mostra que há um amplo campo de estudo.

“Meio técnico e música: contradições e especificidades locais” é o artigo de Villy Cruz, no qual é realizada uma análise teórico-empírica de algumas situações geográficas nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Goiânia e Recife, descrevendo o uso de tecnologias de produção e consumo musicais. Ele admite que a partir das inovações tecnológicas, amparadas pela informatização do território, a produção, distribuição e consumo musical são rearranjados. São Paulo e Rio de Janeiro têm um gosto comum, com predominância do pop rock, do rock e da MP e grupos de pagode e de samba. Em Goiânia, a música sertaneja domina o cenário e pela capacidade tecnológica tornou-se favorita para gravações de músicas evangélicas. Essa é uma capacitação

técnica que reorganiza a estrutura produtiva no lugar e na formação socioespacial. Recife é lugar de frevo, forró e maracatu, o manguê *beat*. A leitura abrange dois aspectos, a música e circuito de produção em quatro cidades em regiões diferentes, o que torna este artigo uma bela pista para analisar os aspectos comerciais e econômicos, além da regionalização da música brasileira.

Marcos Alberto Torres aborda “Música Religiosa e suas espacialidades”, artigo no qual objetiva expor as relações existentes entre a música religiosa – elemento da paisagem religiosa – e a construção e manutenção de identidades religiosas. A base é a pesquisa “Os sons que unem: a paisagem sonora e a identidade religiosa”, cujo assunto são as paisagens sonoras que atuam na construção e reafirmação de identidades a partir da constituição de paisagens da memória e da imaginação. Ele realiza uma aprofundada discussão sobre religião e seu contexto teórico. Posteriormente, aborda o lugar da música na paisagem sonora religiosa. Ele conclui, com muita propriedade, que a música produzida no interior das igrejas é um produto da cultura onde o artista possui relação direta na construção e significação da mesma, de acordo com Cassirer. Finalizando, diz que a paisagem sensível e passível de distintos significados encontra na coletividade elementos imprescindíveis à sua significação. Para compreender essa paisagem sensível, segundo ele, caberá ao geógrafo a busca de caminhos que o ajudem a revelar o universo da cultura humana.

Juliana Cunha Costa Radek é a autora de “Paisagens audiovisuais em ‘2001: A Space Odyssey’”. As paisagens fílmicas retratam cenários simbólicos que serão reconhecidos ou identificados pelo espectador, contribuindo, muitas vezes, para uma formação ideológica coletiva de um espaço existente ou virtualizado. Para compor a paisagem desejada, para a experiência de localização espacial ser ainda mais realista, em termos sensoriais, diversos elementos sonoros passam

a ser inseridos nos filmes, por meio dos trabalhos desenvolvidos pelos *sound designers*. Desde os anos de 1970, as paisagens sonoras deixam de ser coadjuvantes e passam a ser elementos centrais das narrativas fílmicas, juntamente com as diferentes tonalidades e ritmos performáticos. Em "2001: A Space Odyssey", o período pré-histórico é ilustrado a partir de paisagens desérticas biofônicas e geofônicas. As representações das paisagens audiovisuais nesse filme criam ambiências e hipersensibilizam a experiência de localização do espectador a partir da exploração sensorial de paisagens visuais e sonoras de espaços desconhecidos pelo homem. A autora manipula com segurança a linguagem fílmica técnica e sua leitura paisagística é muito interessante.

"Práticas musicais, representações e transterritorialidade em rede na fronteira Brasil, Argentina e Uruguai" resulta da tese de doutorado de Lucas Manassi Paintz. Ele se propõe a refletir sobre a música, ela mesma como uma espacialidade e como criadora de espacialidades e territorialidades. Paintz explora o conceito de espaço geográfico ao analisar o âmbito de representações e relações sociais de músicos que vivem e se apresentam na confluência do Brasil com Argentina e o Uruguai, região fronteira que o autor denomina como "espaço platino". Do ponto de vista analítico, discute as representações sociais do espaço dos atores, procurando a produção de uma corrente estética musical ancorada na região e na paisagem, o que torna o artigo uma fecunda análise, respaldada em vários autores, sobretudo franceses. Refere-se aos atores da música e traz à tona uma territorialidade musical específica, em rede, reprocessando elementos folclóricos e populares regionais. Um grupo de músicos e atores culturais se organiza em rede a partir de cidades como Buenos Aires (Argentina), Porto Alegre (Brasil) e Montevideu (Uruguai). Paintz afirma que entende os discursos dos músicos enquanto representação social do

espaço, legitimando as práticas que territorializam a música. A música, portanto, tem contribuído muito para a criação de territorialidades que expressam – de fato – a integração regional no Prata, unindo músicos, público, produtores culturais e políticas da cultura. A música, por sua capacidade de borrar os mapas e pela sua fluidez adaptada às redes, pode contribuir para uma reflexão das territorialidades soterradas pelos discursos nacionais hegemônicos, mostrando que as fronteiras dos Estados são, de fato, os lugares possíveis de uma nova cartografia cultural e social.

Outro artigo que localiza o objeto no sul do Brasil e contempla recursos didáticos é escrito por Iuri Daniel Barbosa, abordando "Propostas Cartográficas a partir da Música Regional do Rio Grande do Sul". Cada cartografia por ele proposta é referente a um movimento, estilo, período ou sugestão estética, dependendo da situação, tendo como tema a Música Regional do Rio Grande do Sul. Esta é a base a qual sugere diferentes cartografias, nas quais apresenta os cantores e compositores mais representativos. Grosseiramente, as cartografias são: Tríade Tradicionalista, que, além de ressaltar os notáveis da música tradicionalista gaúcha assinala a contribuição dos CTG's e as Invernadas Artísticas; outra cartografia desenvolveu-se com os CTG's, principal veículo de propagação do tradicionalismo, a Regionalista, principalmente aquela ligada aos bailes presentes na porção norte do estado; o terceiro movimento é o Nativismo, que surge como crítica aos Regionalistas e pela falta de reconhecimento de "boa música", e, a partir dos anos 1990, surge outro embate - Música Campeira x Tchê Music, e vigorando com variações diversas, até o presente.

Em "Território e Música: um diálogo com a obra de Milton Santos", Lucas Labigalini Fuini parte da hipótese de que a concepção de território em Milton Santos revela elementos importantes da relação de produção, apropriação e poder no/do espaço como as perspectivas

de multidimensionalidade e multiescalaridade. Além disso, sabendo do rico potencial que a música oferece às análises geográficas, o autor acredita que ela pode nos fornecer dados da realidade em narrativa artística para dialogar com as reflexões sobre território usado. Houve um diálogo profícuo com nove letras de canções da música popular brasileira, evidenciando a riqueza ao alcance do geógrafo para o uso da música nas interpretações dos textos de Santos.

Henrique Albiero Pazetti nos traz uma contribuição com um enfoque regionalista apresentando “A Geografia do Meio-Tietê – SP e sua poesia cururueira”. Ele ressalta a cultura caipira, um braço da grande variedade musical, presente principalmente no interior de São Paulo. O autor ressalta que a religiosidade ocorre nas diversas festas nas quais é comum o cateretê, ou catira, o caruru, o fandango de chilena, ramificações da música caipira. O cururu é considerado como uma manifestação cultural autêntica do Médio Tietê. A arte do Cururu é muito importante para que a identidade cultural dessa região permaneça viva e presente frente às imposições globais. Pazetti conclui que os lugares do Cururu permanecem inatos em sua existência cotidiana, porém, tornam-se lugares no momento da reunião. Eles carregam a essência dessa manifestação cultural pelo som da viola caipira por meio de trovas a exaltação do Médio Tietê. Aqui a geograficidade e o trajeto histórico do povo dessa região são cantados e ainda encantam parte de sua população, pois, segundo Pazetti, são nesses lugares que o Médio Tietê se manifesta, aflora e se faz presente.

“Paisagem sonora: uma composição geomusical” é a reflexão feita por Beatriz Helena Furlanetto, baseando-se, principalmente, em autores. Ela, inicialmente, ressalta o cenário e propõe investigar a paisagem sonora, dar destaque às sonoridades que constituem a paisagem cultural, e pressupõe a união entre as áreas de música e de

geografia. Nesse sentido, ela traz a hipótese de conceber a paisagem sonora com um conceito geomusical. A autora enfatiza a paisagem cultural, amplamente discutida em suas características e abordagens distintas. Para isso, ela ressalta o valor do emprego dos estudos multidisciplinares para apreender e interpretar o mundo, e consiste uma discussão densa. Ao tratar da paisagem sonora, Furlanetto baseia-se em Schafer e apresenta as peculiaridades das paisagens sonoras de diferentes lugares, suas transformações no decorrer da história da sociedade ocidental e como essas mudanças afetaram o comportamento humano. Ela encerra apresentando outro termo proposto, a paisagem acústica, para apreender os sons e a música da cidade, após uma análise conceitual sobre a paisagem sonora e o espaço acústico. Sua contribuição enriquece a compreensão da paisagem sonora.

Alessandro Dozena aprofunda a discussão sobre “O papel da corporeidade na mediação entre a música e o território”, e instiga o debate com um conjunto de questionamentos iniciais, e confessa sua inspiração no artigo de Milton Santos, “Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência”. De acordo com Dozena, Santos ressalta que se baseia nas dimensões da corporeidade, entre outras, para o estudo do cotidiano na perspectiva da espacialidade. O autor esclarece que o corpo traz as marcas da cultura na qual está inserido, apontando caminhos para a compreensão de uma “performatividade”, e, ainda, dá-se um diálogo com o lugar, que se apresenta no corpo a partir de elementos do contexto socioespacial. Na questão da corporeidade, ele afirma que está diretamente associada à questão da musicalidade, que, por sua vez, imbrica-se com a riqueza de sons provenientes dos cantos, dos rituais religiosos e da dança. Está evidenciado que algumas habilidades sensório-motoras dos sujeitos são ativadas na construção de identidades territoriais. Importante no texto de Dozena é sua

referência a que muito das culturas consideradas como “não oficiais” são “invisíveis” para grande parte da sociedade brasileira, sendo tratadas como manifestações culturais. Ele apresenta, ainda, exemplos do samba em São Paulo, como Cantinho da Peruche, Samba da Vela, Rua do Samba Paulista, entre outros. Já finalizando, reforça a existência de “territórios do samba”, microespaços simbólicos condutores para a legitimação do gênero de vida de sambistas face a outros grupos e papéis sociais assumidos no cotidiano.

O conjunto de autores deste livro apresenta uma espacialidade geográfica predominante das regiões Sudeste e Sul. Os estudos de caso deram luz a um tema ainda marginal da geografia brasileira e seus autores nos mostraram talento e criatividade geográfica ao abordarem seus temas. Contudo, convém ressaltar que, na maioria dos artigos, dois autores são os mais citados. O primeiro é de Lily Kong, que aconselha

injetar perspectivas geográficas culturais re-teorizadas na análise da música popular, isso teria um aspecto positivo, pois elas contribuíram com uma agenda ampliada, e, também, ajudaram a reconfigurar seus procedimentos analíticos. O outro autor é Carney, que defende que as características únicas de lugares específicos podem oferecer as pré-condições necessárias a novas ideias musicais. A eles, acrescentam Claval e Tuan nas discussões sobre Geografia Cultural e lugar. Há uma necessidade de ampliar o referencial teórico para desenhar outras e ou novas interpretações sobre os diálogos Geografia e Música.

Pode-se concluir, após a leitura, que em comum os autores nos brindam com uma obra original e fortalecem a motivação para incitar o estudo neste tema. Aos poucos, a música se insere na agenda da geografia humanista cultural e social. Entusiasmo para fazê-lo foi o que não faltou e não falta a Alessandro Dozena. 